

RELAÇÕES INTERFABULARES: “A CIGARRA E AS FORMIGAS” DE MONTEIRO LOBATO

Loide Nascimento de SOUZA (PG-UNESP/Assis)

ISBN: 978-85-99680-05-6

REFERÊNCIA:

SOUZA, Loide Nascimento de. Relações interfabulares: “A Cigarra e as Formigas” de Monteiro Lobato. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. *Anais...* Maringá, 2009, p. 592-600.

A fábula esópica tem presença marcante na obra infantil de Monteiro Lobato. Um dos indicativos mais evidentes dessa presença é o livro *Fábulas* (1922) que está entre as primeiras obras destinadas para crianças publicadas pelo autor. Antes de Monteiro Lobato, as fábulas já tinham alguma circulação no Brasil, mas seu formato era pouco atraente ao público infantil. O fato começa a preocupar Lobato justamente quando ele se torna pai e percebe a escassez de textos de literatura infantil no território brasileiro. Empenhado em achar uma solução para o problema, entre uma iniciativa e outra, começa a prestar atenção ao gosto literário de seus filhos. Nesse exercício de observação, percebe que eles têm um enorme interesse pelas fábulas contadas por Dona Purezinha, sua esposa. É aí, então, que resolve escrever e publicar o livro. Se as fábulas eram ouvidas com interesse, certamente, com algum reparo, também poderiam ser lidas.

De fato, quando Monteiro Lobato resolve lançar o livro de fábulas, imprime nelas algumas mudanças que serão expressão de sua marca pessoal como escritor de literatura infantil. Uma das mudanças mais significativas ocorre na linguagem que se torna mais coloquial e passa a apresentar traços da oralidade. Há também uma mudança na estrutura das fábulas que passam a ter um espaço destinado à manifestação das personagens do Sítio do Picapau Amarelo, entre as quais se destacam: Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde, Tia Nastácia e Dona Benta. Embora seja a fábula um gênero didático em sua essência, com Lobato também é comum que a história assuma o ponto de vista da criança e que a moral seja relativizada. Diante de tais reparos, não há dúvidas de que as fábulas tiveram grande aceitação por parte do público infantil da época, como atestam as diversas edições da obra e seu alto índice de vendagem. É por isso que em 1921, Lobato edita *Fábulas de Narizinho* e já no ano seguinte, 1922, faz uma revisão ou ampliação da obra que recebe o nome de *Fábulas*.

Conhecida, em poucas linhas, a história da publicação do livro de fábulas, convém agora partir para o assunto principal de nossa comunicação que são as relações

existentes entre uma fábula e outra na referida obra de Monteiro Lobato. Antes disso, vejamos rapidamente algumas informações sobre a fábula, como gênero literário específico.

Sintetizando principalmente o estudo de Oswaldo Portella (1979), podemos dizer que a fábula tem uma sólida tradição que se populariza com Esopo (VI a.C.) na Grécia, passa por Fedro (I d.C.) em Roma e ganha o mundo ocidental com La Fontaine (século XVII) na França. Numa definição básica, pode-se dizer que a fábula é composta por uma narrativa curta que ilustra uma moral explicitada ou não. Em geral, as personagens são animais, mas também podem fazer parte seres humanos, seres inanimados e até plantas. Mas para Alceu Dias Lima, o grande problema dos estudos da fábula é que, em geral, desconsideram o aspecto discursivo do gênero, ficando apenas com a “substância de conteúdo” (LIMA, 1984, p.61) prevista na história e na moral. A partir disso, Lima reconhece na fábula três discursos mínimos que deverão ser considerados em qualquer análise: o discurso figurativo (história), o discurso temático (moral) e discurso metalingüístico. Este último é formado por marcas de enunciação que denunciam a presença do narrador (enunciador).

Na fábula clássica, o discurso metalingüístico geralmente é explicitado por meio de expressões, como: Moral; A fábula ensina que; A moral desta fábula é; A fábula mostra que; etc. Estas expressões são, nada mais, nada menos, que marcas de enunciação. Há, no entanto, outras formas de manifestação do discurso metalingüístico (como ocorrem em Lobato, por exemplo) e que devem ser consideradas numa eventual análise do texto. São exemplos disso o recurso a um tipo gráfico especial e a sugestão de mudança na entonação de voz na leitura. Em certos casos, a moral pode não estar em posição de destaque e vir disseminada na narrativa. Isto exige que recorramos às circunstâncias de enunciação, a fim de descobrirmos o que está expresso nas entrelinhas.

Em nossa abordagem, como pode ser percebido no título, não temos como foco a análise completa do texto fabular concebido por Lobato. Em nossas leituras, chamou-nos a atenção os pontos de contato, o diálogo, entre uma fábula e outra. Quando observamos todas elas em seu conjunto, verificamos que, muito freqüentemente, uma fábula remete a outra, seja por meio das personagens, do discurso figurativo ou principalmente do discurso temático. A estas relações existentes entre as fábulas, chamamos relações interfabulares, um nome inspirado na expressão “relação intertextual”, derivada do conceito de intertextualidade de Júlia Kristeva.

Para Tânia Franco Carvalhal (1986, p.56), “o ‘diálogo’ entre os textos não é um processo tranqüilo nem pacífico”. Neste sentido, em nossa abordagem levaremos em conta não somente a relação de semelhança ou proximidade entre as fábulas, mas também a relação de oposição.

No conjunto das fábulas de Monteiro Lobato, observamos que algumas ocupam uma posição central na obra. Uma delas é “A cigarra e as formigas” que, além de ter sido escrita ou reescrita pelos principais fabulistas da tradição, abre a coletânea de Lobato e é a que apresenta as modificações mais originais e radicais. Por exemplo, enquanto nas outras a narrativa é duplicada, nessa fábula há uma triplicação da narrativa e uma inversão de valores.

O enredo tradicional da fábula em destaque é fartamente conhecido. A cigarra passa o verão todo a cantar e a se divertir e, de repente, encontra-se desprevinida com a chegada súbita do inverno. Nessas circunstâncias, procura o apoio da formiga que, depois de tanto trabalhar, nega-lhe qualquer ajuda e a manda dançar. Mas em Monteiro

Lobato, o ponto de vista narrativo é completamente diferente e as mudanças na estrutura fortalecem a coerência interna do texto. Depois do título geral aparecem outros dois subtítulos: “A formiga boa” e “A formiga má”. Este último, como confirma o próprio desenrolar do enredo, é uma referência clara à fábula clássica. Em “A formiga boa” acontece exatamente o contrário dos fatos já conhecidos. Quando é abordada pelo pedido de ajuda da cigarra, a formiga mais do que imediatamente socorre-a e ainda reconhece no canto dela um alívio para o seu trabalho árduo durante o verão. Tudo acaba, portanto, numa relação de cumplicidade entre as duas personagens. Já em “A formiga má”, ocorre a morte da cigarra e o narrador não se furta a responsabilizar a formiga pelo ocorrido, chamando-a ainda de invejosa e usurária. A moral, que antecipa os comentários das personagens do Sítio, certamente serviria de epitáfio na lápide da personagem: “Os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade” (LOBATO, 1973, p.12).

Como é possível notar, o enredo de “A cigarra e as formigas” desenvolve-se de modo a valorizar a ocupação da cigarra e nenhum elogio é reservado para a ocupação da formiga. Há uma verdadeira apologia daquela personagem que encerra por transformá-la em símbolo dos militantes da arte. Nada mais justo, uma vez que durante séculos a cigarra foi chamada de desocupada e desprevenida.

No entanto, não obstante à valorização da arte por meio do elogio da cigarra, é preciso considerar que a vocação da formiga é uma das marcas do mundo burguês capitalista. Como sabemos, a habilidade da formiga é proverbial. Simboliza o trabalho organizado com vistas à acumulação de bens. Se fizermos uma rápida incursão pelo contexto histórico do início do século XX, que era o contexto de produção literária de Lobato, veremos que suas fábulas foram escritas num momento em que o projeto maior era a modernização do país, caracterizada pela emergência da burguesia urbana que era bastante ativa e tentava aproximar-se do poder político. E na obra de arte, o contexto de produção do autor, de uma forma ou de outra, sempre é refletido na obra produzida, surgindo como pano de fundo. Portanto, não era conveniente ignorar de todo as atividades que tradicionalmente eram reconhecidas como trabalho. Para isso, era necessária então a valorização paralela da formiga, que sempre foi associada ao trabalho e à operosidade. Dessa forma, se em “A cigarra e as formigas” praticamente nenhuma importância é dada à formiga, o contrário disso ocorrerá em “A mosca e a formiguinha”. E vemos já no título que ela é carinhosamente chamada de “formiguinha”, o que pode conduzir a uma certa empatia entre o público e a personagem. Vejamos o texto:

A MOSCA E A FORMIGUINHA

— Sou fidalga! — dizia a mosca à formiguinha que passava carregando uma folha de roseira. Não trabalho, pousei em todas as mesas, lambisco de todos os manjares, passeio sobre o colo das donzelas – e até me sento no nariz. Que vidão regalado o meu...

A formiguinha arriou a carga, enxugou a testa e disse:

— Apesar de tudo, não invejo a sorte das moscas. São mal vistas. Ninguém as estima. Toda gente as enxota com asco. E o pior é que têm um berço degradante: nascem nas esterqueiras.

— Ora, ora! – exclamou a mosca. Viva eu quente e ria-se a gente.

— E além de imundas são cínicas – continuou a formiga. Não passam dumas parasitas – e parasita é sinônimo de ladrão. Já a mim todos me respeitam. Sou rica pelo meu trabalho, tenho casa própria onde nada me falta

durante o rigor do mau tempo. E você? Você basta que fechem a porta da cozinha e já está sem o que comer. Não troco a minha honesta vida de operária pela dourada vida dos filantes.

— Quem desdenha quer comprar – murmurou ironicamente a mosca.

Dias depois a formiga encontrou a mosca a debater-se numa vidraça.

— Então, fidalga, que é isso? – perguntou-lhe.

A prisioneira respondeu muito aflita:

— Os donos da casa partiram de viagem e me deixaram trancada aqui. Estou morrendo de fome e já exausta de tanto me debater.

A formiga repetiu as empáfias da mosca, imitando-lhe a voz: “Sou fidalga! Pouse em todas as mesas... Passeio pelo colo das donzelas...” e lá seguiu o seu caminho, apressadinha como sempre.

Quem quer colher, planta. E quem do alheio vive, um dia se engasga.

— Seria muito bem se fosse assim – disse o Visconde. Mas muitas e muitas vezes um planta e quem colhe é o outro...

Emília fuzilou-o com os olhos. Aquilo era indireta das mais diretas. O Visconde, amedrontado, encolheu-se no seu cantinho. (LOBATO, 1973, p.33-34)

Como acentua Oswaldo Portella (1979), na fábula o enredo apresenta uma estrutura antitética que pode ser identificada mais rapidamente na característica oposta das personagens envolvidas. Há quase sempre um confronto entre os dois universos. Em “A mosca e a formiguinha”, como pode ser constatado já no título, a mosca é a personagem antagônica, cujo perfil negativo serve como realce positivo das habilidades da formiga. Numa paráfrase do texto anterior de La Fontaine (“A mosca e a formiga”), vemos que Lobato constrói o enredo de modo a reservar maior espaço para as razões da formiga. Enquanto a mosca vangloria-se pelas vantagens de sua vida nômade, a formiga reage e defende a importância de viver do próprio trabalho e de se prevenir para os momentos de escassez.

Além do discurso direto que é ocupado em maior quantidade pela formiga e no qual ela expõe as vantagens de seu modo de vida, sua coroação virá por meio do desfecho, uma vez que a mosca acaba prisioneira e faminta.

Os bens que a formiga conquista, dinheiro e casa própria, por meio de sua “honesta vida de operária” certamente representavam o sonho maior de posse e de consumo de todos os operários do início do século XX e até da própria burguesia que, embora já tivesse algum capital acumulado, precisava lutar para mantê-lo e multiplicá-lo. Dessa forma, é possível deduzir que a lição ensinada pelo discurso temático vai de encontro ao projeto de país, uma vez que aquele era o momento em que o Brasil recebia uma grande leva de imigrantes vindos de Europa e Ásia. Todos eles precisavam acreditar que por meio do trabalho individual conseguiriam garantir o futuro e o país, por sua vez, precisava contar com o otimismo e a confiança de todos.

Portanto, ao selecionar e reescrever a fábula “A mosca e a formiguinha”, Lobato mostra o outro lado da moeda. Nela, o narrador reconhece na “eterna faina” das formigas um trabalho honrado que pode garantir a independência do indivíduo. No conjunto das duas fábulas, “A cigarra e as formigas” e “A mosca e a formiguinha”, estava completa, portanto, a lição a ser absorvida pelo público: se a arte enleva o espírito, o trabalho, por sua vez, produz o sustento para o corpo. A presença da formiga

em ambos os textos, embora seja ela tratada em pontos de vista diferentes, justifica e explica o ponto de contato entre um texto e o outro numa relação interfabular de oposição. Mas essa oposição, longe de ser conflitante ou de gerar incoerência na defesa dos valores, é conciliadora. Leva à valorização simultânea da arte e do trabalho e sugere, indiretamente, o que poderia ser a moral de “A cigarra e as formigas” se o desfecho fosse outro.

Um outro princípio que é indiretamente valorizado em “A cigarra e as formigas” é também o da solidariedade. Vale frisar que a primeira formiga só é boa porque se compadece da miséria da cigarra e reconhece o valor do seu canto. Como reforço dessa idéia, podemos destacar a fábula “O cavalo e o burro”, que ilustrando a falta de solidariedade, demonstra que quem não é solidário pode trazer prejuízo para si mesmo. Vejamos a fábula:

O CAVALO E O BURRO

Cavalo e burro seguiam juntos para a cidade. O cavalo, contente da vida, folgando com uma carga de quatro arrobas apenas, e o burro – coitado! gemendo sob o peso de oito. Em certo ponto o burro parou e disse:

— Não posso mais! Esta carga excede às minhas forças e o remédio é repartirmos o peso irmãmente, seis arrobas para cada um.

O cavalo deu um pinote e relinchou uma gargalhada.

— Ingênuo! Quer então que eu arque com seis arrobas quando posso bem continuar com as quatro? Tenho de cara de tolo?

O burro gemeu:

— Egoísta! Lembre-se que se eu morrer você terá que seguir com a carga das quatro arrobas mais a minha.

O cavalo pilheriou de novo e a coisa ficou por isso. Logo adiante, porém, o burro tropica, vem ao chão e rebenta.

Chegam os tropeiros, maldizem da sorte e sem demora arrumam com as oito arrobas do burro sobre as quatro do cavalo egoísta. E como o cavalo refuga, dão-lhe de chicote em cima, sem dó nem piedade.

— Bem feito! – exclamou um papagaio. Quem o mandou ser mais burro que o pobre burro e não compreender que o verdadeiro egoísmo era aliviá-lo da carga em excesso? Tome! Gema dobrado agora...

— Isto aqui – disse Dona Benta – vale como lição do que é falta de solidariedade.

— Oh, que comprimento de palavra! – exclamou Narizinho. Que é solidariedade, vovó?

— É o egoísmo bem compreendido, minha filha. É o reconhecimento de que temos de nos ajudar uns aos outros para que Deus nos ajude. Quem só cuida de si mesmo, de repente se vê sozinho e não encontra quem o socorra. Aprendam.

— A coisa é bonita – comentou a menina – mas a palavra é feia e comprida demais. So-li-da-ri-e-da-de... (LOBATO, 1973, p.42)

Numa leitura mais atenta da história e inserindo-a no conjunto das fábulas destacadas anteriormente, vemos que a lição de solidariedade não se afasta da visão burguesa. E destacamos aqui que essa lição está disseminada em toda a narrativa, já que o discurso temático da moral não aparece destacado em itálico, como aparece na maior

parte das fábulas de Lobato. Em seus comentários a respeito do enredo da fábula, Dona Benta define a visão prática da solidariedade como “egoísmo bem compreendido”. Assim, a idéia de sempre ajudar o próximo, quando isso for necessário, está longe da visão altruísta do Cristianismo ou de um princípio social. Ajudar significa aqui evitar maiores dissabores e, até mesmo, contar com a possibilidade de alguma troca ou algum retorno no futuro. No caso da formiga boa, por exemplo, provavelmente ela ajuda a cigarra no inverno para que no verão ela possa contar com música ao vivo enquanto estiver trabalhando.

Seguindo a trilha das fábulas “A cigarra e as formigas”, “A mosca e a formiguinha” e “O cavalo e o burro”, vimos que a lição do trabalho honesto e da conveniência da partilha parece estar bem fundamentada. No entanto, todo ensinamento, especialmente os ensinamentos da fábula, tem um caráter genérico e relativo e, neste caso é preciso considerar as exceções e até mesmo a contrapartida. Sabemos que Lobato ao produzir obras para crianças queria, além de divertir, estimular a consciência crítica de seus leitores. A estratégia de questionar valores tidos como absolutos pode ser encontrada com frequência em suas obras e, como não poderia deixar, isso também ocorre com as fábulas. Nesse sentido, como vimos, se o princípio de ajudar o próximo é eleito como supremo ou estratégico, Lobato mostrará os seus “entretantos” nas fábulas “As duas cachorras” e “O homem e a cobra”. Vejamos a primeira fábula:

AS DUAS CACHORRAS

Moravam no mesmo bairro. Uma era boa e caridosa; a outra, má e ingrata. A boa, como fosse diligente, tinha a casa bem arranjadinha; a má, como fosse vagabunda, vivia ao léu, sem eira nem beira.

Certa vez a má, em véspera de dar cria, foi pedir agasalho à boa.

— Fico aqui num cantinho até que meus filhotes possam sair comigo. É por eles que peço...

A boa cedeu-lhe a casa inteira, generosamente.

Nasceu a ninhada, e os cachorrinhos já estavam de olhos abertos quando a dona da casa voltou.

— Podes entregar-me a casa agora?

A má pôs-se a choramingar.

— Ainda não, generosa amiga. Como posso viver na rua com filhinhos tão novos? Conceda-me um novo prazo.

A boa concedeu-lhe mais quinze dias, ao termo dos quais voltou.

— Vai sair agora?

— Paciência, minha velha, preciso de mais um mês.

A boa concedeu mais quinze dias, e ao terminar o último prazo voltou; mas desta vez a intrusa, rodeada dos filhos já crescidos, robustos e de dentes arreganhados, recebeu-a com insolência:

— Quer a casa? Pois venha tomá-la, se é capaz...

Para os maus, pau!

— Ótimo, vovó! — exclamou a menina. Gostei. Esta fábula merece grau dez.

— E me faz lembrar o mata-pau — disse Pedrinho. O mata-pau é assim. Nasce numa árvore, todo humildezinho e fraquinho; mas vai crescendo, crescendo, e um dia estrangula a árvore que o acolheu.

Dona Benta explicou que aquela fábula punha em foco a ingratidão, sentimento muito comum entre os homens. E citou vários ingratos ali das redondezas.

— Em matéria de dinheiro há muita ingratidão assim. Um sujeito vem pedir um empréstimo. Vem de chapéu na mão, humilde como essa cachorra. Assim que se pilha servido, dá o coice.

Emília achou ótima a moralidade da fábula: “Para os maus, pau!”

— Isso mesmo! Pau no lombo deles!

— A dificuldade, Emília, está em conhecermos quem é o mau. Eles sabem disfarçar-se. Apresentam-se como essa cachorra, todos cheios de diminutivos — um “cantinho”, uma “comidinha”, um “dinheirinho...” E como havemos de adivinhar que isso é um disfarce, um preparo do terreno?

— Como? — disse Emília. É boa!... Pelo diminutivo. Assim que um freguês vier com “inhos”, é a gente ir pegando no pau e lascando... (LOBATO, 1973, p.37)

Como pode ser observado, nesta fábula o motivo do conflito está centrado na ingratidão de uma das personagens que, tendo recebido apoio e acolhida, volta-se depois contra a sua benfeitora. Se nas fábulas anteriores fica claro que a solidariedade deve ser colocada em prática ainda que seja por conveniência, nesta, o drama cria um ponto nebuloso nessa prática. Uma das marcas do mundo burguês é o individualismo e o desprezo pelos valores humanos. Como já dissemos, havia a emergência de uma burguesia urbana no contexto de criação de Monteiro Lobato. E é justamente o meio urbano que favorecerá a radicalização do individualismo, já que a concorrência era acirrada na luta pela conquista dos bens pessoais. Vale frisar que as duas personagens da fábula moravam ou viviam na cidade como atestam os vocábulos “bairro” e “rua”. Fica claro, portanto, que a solidariedade nem sempre pode ser praticada de forma indiscriminada e que o praticante precisará de alguma perspicácia para não correr o risco de se tornar vítima de sua própria generosidade.

A fábula “As duas cachorras” traz um questionamento do discurso temático implícito tanto em “A cigarra e as formigas” como em “O cavalo e o burro”, mas não apresenta uma conclusão definitiva sobre o assunto. Mas encontraremos uma resolução mais clara para o problema em “O homem e a cobra”. Vejamos:

O HOMEM E A COBRA

Certo homem de bom coração encontrou na estrada uma cobra entanguida de frio.

— Coitadinha! Se ficar por aqui ao relento, morre gelada.

Tomou-a nas mãos, conchegou-a ao peito e trouxe-a para casa. Lá a pôs perto do fogão.

— Fica-te por aqui em paz até que eu volte do serviço à noite. Dar-te-ei então um ratinho para a ceia. E saiu.

De noite, ao regressar, veio pelo caminho imaginando as festas que lhe faria a cobra.

— Coitadinha! Vai agradecer-me tanto...

Agradecer, nada! A cobra, já desentorpecida, recebeu-o de lingüinha de fora e bote armado, em atitude tão ameaçadora que o homem enfurecido exclamou:

— Ah, é assim? É assim que pagas o benefício que te fiz? Pois espera, minha ingrata, que já te curo...

E deu cabo dela com uma paulada.

Fazei o bem, mas olhai a quem.

— A senhora arranjou uma moralidade ao contrário da sabedoria popular que diz: “Fazei o bem e não olheis a quem.”

— Sim, minha filha. Esse fazer o bem sem olhar a quem é lindo — mas nunca dá muito certo. Aquele grande filósofo-educador da China...

— Confúcio, já sei!... gritou Pedrinho.

— Ele mesmo — confirmou Dona Benta. Pois Confúcio, que foi o maior filósofo prático da humanidade, disse uma coisa muito certa: “Tratai os bons com bondade e aos maus com justiça.”

Emília bateu palmas.

— Pois então Confúcio concorda comigo. Meu ditado é: “Para os maus, pau!”

Justiça é pau. (LOBATO, 1973, p.43)

Também nesta fábula o motivo do conflito é a ingratidão de uma das personagens. Mas aqui o discurso temático traz a sentença definitiva que imprime equilíbrio ao conjunto de valores veiculados por estas quatro fábulas que, de alguma forma, dialogam com a temática de “A cigarra e as formigas”.

Como bem observa Narizinho, a moral registrada nessas duas últimas fábulas relativiza o ensinamento cristalizado no provérbio popular: “Fazei o bem, e não olheis a quem”. Na primeira fábula, “As duas cachorras”, a advertência em forma de moral é: “Para os maus, pau!”; e em “O homem e a cobra” ocorre uma verdadeira reparação daquele ditado popular: “Fazei o bem, mas olhai a quem”. Desta forma, se tomarmos o conjunto das cinco fábulas aqui abordadas (“A cigarra e as formigas”, “A mosca e a formiguinha”, “O cavalo e o burro”, “As duas cachorras” e “O homem e a cobra”) veremos que uma pode desempenhar um papel moderador em relação ao ensinamento veiculado pela outra.

Quando Monteiro Lobato resolve escrever fábulas ele posiciona-se perante a tradição e sugere um olhar em perspectiva para a fábula que possibilitava a avaliação do texto. Prova disto é a manifestação de Narizinho em “As duas cachorras”: “— Ótimo, vovó! — exclamou a menina. Gostei. Esta fábula merece grau dez” (LOBATO, 1973, p.37). Diferente de antes, o ensinamento da fábula não é tido como absoluto e pode-se até desconfiar da fábula quando isso for pertinente. Como ensina Dona Benta, pode ser que a sabedoria da fábula seja de “dois bicos” (LOBATO, 1973, p.36).

Em nossa rápida abordagem, destacamos os motivos que levaram à publicação da obra *Fábulas* de Monteiro Lobato e vimos que nela os textos trazem a marca da renovação impressa pelo autor. Depois, expusemos algumas peculiaridades do gênero fábula para, na seqüência, examinarmos as relações existentes entre uma fábula e outra. Por sua posição de destaque na obra, selecionamos a fábula “A cigarra e as formigas” como eixo, localizando em outras fábulas os pontos de contato com ela. O diálogo entre os textos quase sempre foi percebido no discurso temático. Há caso em que o diálogo é confirmador. Em outros, traz alguns questionamentos que, em geral, mostra algum ponto cego no discurso da outra fábula. Isso possibilita a relativização de alguns ensinamentos. Mas o mais interessante é que essa relativização acontece não só na iniciativa de renovação dos textos, tendo-se como foco a fábula clássica de Esopo ou La Fontaine, como acontece na tripla narrativa de “A cigarra e as formigas”. Também, não são somente os comentários das personagens do Sítio que colocam em cheque certos princípios presentes no discurso temático. A relativização dos ensinamentos acontecerá também na relação interfabular, na interdiscursividade da dinâmica interna da obra.

REFERÊNCIAS

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios)

LIMA, Alceu Dias. A forma da fábula: estudo de semântica discursiva. *Significação*. *Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo, n.4, p.60-9, 1984.

LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973. v.3. (Série a)

PORTELLA, Oswaldo. *A fábula*. 1979. 91 f. Trabalho de pesquisa apresentado à COPERT, Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1979.